

**LIVRO I, DOS *GESTA FRANCORVM ET ALIORVM HIEROSOLIMITANORVM* (“OS FEITOS DOS FRANCO E DE OUTROS PEREGRINOS DE JERUSALÉM”) –
VERSÃO BILÍNGUE.**

Tiago Augusto Nápoli¹

Adriano Scatolin²

Resumo: O presente trabalho se propõe a traduzir e anotar o livro I da crônica intitulada *Gesta francorum et aliorum hierosolimitanorum* (“Os feitos dos francos e de outros peregrinos de Jerusalém”), uma das mais importantes fontes primárias latinas a respeito da Primeira Cruzada (1096 – 1099). Escrita por volta de 1099, são escassas as notícias sobre a autoria da obra, embora haja certo consenso de que o autor seja ele próprio um cruzado. No que tange ao texto de base à tradução, foi utilizada a edição de Hill (2002 [1962]), em cotejo com aquelas de Bréhier (2007 [1924]) e Hagenmeyer (1890).

Palavras-chave: *Gesta Francorum*, Primeira Cruzada, Latim, Literatura Medieval, Crônica.

Abstract: This paper presents the annotated translation of the anonymous *Gesta francorum et aliorum hierosolimitanorum* (“The Deeds of the Franks and the other Pilgrims to Jerusalem”). That chronicle (c. 1099) is one of the most important primary sources written in Latin on the First Crusade (1096 – 1099). Although little is known about its author, it is agreed by scholars that he was a crusader himself. The translation follows the edition by Hill (2002 [1962]), which was confronted with those by Bréhier (2007 [1924]) and Hagenmeyer (1890).

Keywords: *Gesta Francorum*, The First Crusade, Latin, Medieval Literature, Chronicle.

Nota introdutória

Pouco se sabe acerca do autor³ dos *Gesta francorum et aliorum hierosolimitanorum*⁴ (“Os feitos dos francos e de outros peregrinos de Jerusalém”), salvo que provavelmente pertenceria ao contingente liderado pelo líder cruzado Boemundo de Taranto⁵. Redigido logo após a captura

¹ Tiago Augusto Nápoli é doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, onde se graduou na área de Língua e Literatura Latina, dedicando-se sobretudo à tradução de textos medievais e da Antiguidade Tardia.

² Professor doutor na área de Língua e Literatura Latinas na Universidade de São Paulo. Possui mestrado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2003); doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2009); pós-doutorado pela Universidade Paris IV-Sorbonne (2012-2013) e pós-doutorado pela Universidade de Turim (abril-julho de 2019).

³ Doravante utilizaremos apenas a designação Anônimo, para nos referirmos a ele. Todas as traduções são nossas, senão quando indicado.

⁴ A partir de agora, *Gesta*.

⁵ Ainda que a falta de dados intra e extratextuais impeça quaisquer asserções conclusivas, Bréhier (2007 [1924]) e Hill (2002 [1962]) são taxativos sobre a presumível participação do Anônimo junto às tropas de Boemundo (*vide* n. 36). Para tanto, duas marcas textuais, dentre outras, são fornecidas pelos estudiosos: a primeira, o emprego do vocábulo *dominus*, aplicado a Boemundo como provável índice

de Jerusalém em 1099 (*terminus a quo*), o relato narra alguns dos principais acontecimentos relativos à Primeira Cruzada, entre eles a tomada de Antioquia, em junho de 1098, ou ainda a pregação do papa Urbano II, em Clermont, servindo de substrato a diversos cronistas coevos.⁶ Assim, ao apresentá-lo ao leitor brasileiro, almeja-se não apenas sublinhar sua indiscutível importância histórica, mas resgatar um texto, cujas implicações religiosas, sociais e políticas tendem a ressurgir na Modernidade, numa espécie de discurso voltado ao regresso.

Para a realização da tradução do livro I⁷ da crônica, servimo-nos da edição crítica de Hill (2002 [1962]), cotejando-a, sobretudo, com as edições de Bréhier (2007 [1924]) e Hagenmeyer (1890). Na citação dos textos bíblicos, usamos duas versões da tradução de João Ferreira de Almeida (séc. XVII), mais especificamente, Almeida (2009 [1898] e 2017 [1959]), sempre em cotejo com a edição da *Vulgata*, de Gryson (2008). Como critério para a tradução dos nomes próprios, adotamos a metodologia, já tradicional, de traduzir o prenome e o epíteto ou título de nobreza encontrados, mantendo os topônimos nas línguas dos respectivos territórios, exceto nos casos em que são tradicionalmente traduzidos em português. Para tanto, o *Dicionário onomástico da Língua Portuguesa*, de Machado (2003), foi nosso guia, sempre que possível. Critério similar foi empregado acerca dos demais topônimos. Quando o mesmo não se mostrou factível, três obras nos serviram de base, a saber, Murray (2006), Bosworth (1986-2002) e Kazhdan (1991), que nos auxiliaram em grande medida no que tange à grafia dos nomes das localidades arroladas pelo Anônimo. Enfim, no caso de parte da toponímia de origem grega, foram adotadas soluções de nossa lavra, por via de transliterações e adaptações, com vistas a uma maior precisão.

De modo geral, buscamos manter os diversos níveis da elocução dos *Gesta*, mais simples nos passos narrativos, mais elevada nas passagens testamentárias e doxológicas, procurando evitar certa artificialidade sintático-lexical decorrente de uma tradução literal servil.⁸

de subserviência do autor dos *Gesta*; a segunda, a mudança da terceira pessoa do plural para a primeira pessoa também do plural (*vide* n. 64), ao se descrever o deslocamento do contingente liderado por Boemundo, atestando assim a presença do Anônimo nos acontecimentos narrados.

⁶ Entre eles, os clérigos Raimundo de Aguilers e Pedro Tudebode, ambos membros da comitiva liderada por Raimundo, Conde de Saint-Gilles (†1105).

⁷ Totalizando dez livros, a divisão ora apresentada é aquela proposta por Hill (2002 [1962]), a partir de MS *Vat. Reg. Lat. 572* (1r-64v) da *Biblioteca Apostolica Vaticana*. Disponível em: <https://opac.vatlib.it/mss/detail/229784>.

⁸ Entre as observações acerca do estilo dos *Gesta*, *vide* Bréhier (2007 [1924], pp. xix-xx) e, de maneira mais aprofundada, Gavigan (1943).

Por fim, salientamos que os passos entre colchetes na tradução são inserções nossas de termos e ideias apenas implícitos no original.

Agradecemos a duas pessoas em especial que nos auxiliaram ao longo deste projeto. Em primeiro lugar, somos gratos a Thiago Takeshi Obana, que gentilmente nos cedeu a edição crítica base à tradução. Além disso, ficamos igualmente agradecidos à pesquisadora Barbara Roma, por suas indicações bibliográficas e observações acerca dos resultados preliminares do trabalho aqui apresentado.

Tradução

Gesta francorum et aliorum hierosolimitanorum

Os feitos dos francos e de outros peregrinos de Jerusalém

[I.1] *Cum iam appropinquasset ille terminus quem dominus Iesus cotidie suis demonstrat fidelibus, specialiter in euangelio dicens: “Si quis uult post me uenire, abneget semetipsum et tollat crucem suam et sequatur me”, facta est igitur motio ualida per uniuersas Galliarum regiones, ut si aliquis Deum studiose puroque corde et mente sequi desideraret, atque post ipsum crucem fideliter baiulare uellet, non pigritaretur Sancti Sepulchri uiam celerius arripere. Apostolicus namque Romanae sedis ultra montanas partes quantocius profectus est cum suis archiepiscopis, episcopis,*

[I.1] Com a aproximação já do tempo que o Senhor Jesus [Cristo] anuncia a cada dia aos seus fiéis, especificamente quando diz no Evangelho: “Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”⁹, ocorreu um forte movimento por todas as regiões das Gálias. Por conta disso, se alguém desejava seguir a Deus devotamente com coração e mente puros e queria carregar fielmente a cruz, seguindo-O, não tardava em tomar com grande rapidez o caminho do Santo Sepulcro. Com efeito, o pontífice¹⁰ da Sé Romana partiu o mais rápido possível para as regiões transalpinas acompanhado de seus

⁹ Cf. Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23; Mt 10, 38.

¹⁰ Sc. Urbano II (c. 1035 – 1099), cujo papado teve início em 1088. Prior em Cluny (1070) e Bispo-Cardenal de Óstia (hoje, Óstia Antica) a partir de nomeação feita por Gregório VII em 1080, torna-se notória sua convocação dos cristãos (em 1095, na cidade de Clermont) em prol da liberação de Jerusalém e de sua defesa contra os muçulmanos.

abbatibus, et presbiteris, coepitque subtiliter sermocinari et predicare, dicens, ut si quis animam suam saluam facere uellet, non dubitaret humiliter uiam incipere Domini, ac si denariorum ei deesset copia, diuina ei satis daret misericordia. Ait namque domnus apostolicus “Fratres, uos oportet multa pati pro nomine Christi, uidelicet misérias, paupertates, nuditates, persecutiones, egestates, infirmitates, fames, sites et alia huiusmodi, sicuti Dominus ait suis discipulis: ‘Oportet uos pati multa pro nomine meo’, et: ‘Nolite erubescere loqui ante facies hominum; ego uero dabo uobis os et eloquium’, ac deinceps: ‘Persequetur uos larga retributio’”. Cumque iam hic sermo paulatim per uniuersas regiones ac Galliarum patrias coepisset crebrescere, Franci audientes talia protinus in dextra cruce suere scapula, dicentes sese Christi unanimiter sequi uestigia, quibus de manu erant redempti tartarea. Iamiamque Galliae suis remotae sunt domibus.

arcebispos, bispos, abades e padres, e começou a proferir apurados sermões e pregações, dizendo que, se alguém tivesse a pretensão de salvar a própria alma, não deveria hesitar em tomar com humildade o caminho do Senhor e que, se lhe faltassem recursos financeiros, a misericórdia divina o proveria do necessário. Disse o soberano pontífice: “Irmãos, é preciso que vocês passem por muitas provações em nome de Cristo, isto é, desventuras, pobreza, falta de vestes, perseguições, penúrias, enfermidades, fome, sede e outras, conforme o Senhor disse a seus discípulos: ‘É preciso que vocês passem por muitas provações em meu nome’¹¹, e [ainda]: ‘Não se envergonhem ao falar diante dos homens, porque Eu lhes darei a palavra e a eloquência’¹², e também: ‘Uma grande recompensa lhes sobrevirá’”¹³. Quando essas palavras começaram aos poucos a se espalhar por todas as regiões e domínios das Gálias, os francos, tão logo as ouviram, costuraram uma cruz em seu ombro direito e disseram em uníssono que seguiriam os passos de Cristo, que os haviam resgatado

¹¹ Cf. Act 9, 16: “E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome”.

¹² O trecho em questão é uma citação parcial de dois passos neotestamentários: II Tim 1, 8: “portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu”; e Lc 21, 15: “porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem”.

¹³ O trecho parece evocar “a grande recompensa” (*merces* [...] *copiosa*) de Mt 5, 12 e, sub-repticiamente, a perseguição aos profetas também expressa ali: “Exultai e alegrai-vos, porque é grande a vossa recompensa nos céus; porque assim perseguiram os profetas antes de vós”. Tradução de Almeida (2009 [1898], p. 934), modificada.

das mãos do inferno. E de imediato as Gálias viram-se privadas de seus habitantes.

[ii] *Fecerunt denique Galli tres partes. Vna pars Francorum in Hungariae intrauit regionem, scilicet Petrus Heremita, et dux Godefridus, et Balduinus frater eius, et Balduinus comes de Monte. Isti potentissimi milites et alii plures quos ignoro uenerunt per uiam quam iamdudum Karolus Magnus mirificus rex Franciae aptari fecit usque Constantinopolim.*

Petrus uero supradictus primus uenit Constantinopolim in kalendis Augusti et cum eo maxima gens Alamannorum. Illic inuenit Lombardos et Longobardos et alios plures

[ii] Os gauleses então formaram três grupos. Um grupo de francos adentrou o território da Hungria¹⁴, a saber, Pedro, o Eremita¹⁵, o duque Godofredo¹⁶, seu irmão Balduíno¹⁷ e Balduíno, conde de Mons¹⁸. Esses poderosíssimos cavaleiros¹⁹ – além de muitos outros que desconheço – avançaram pela estrada que muito antes Carlos Magno, o magnífico rei dos francos, mandara abrir até Constantinopla²⁰.

O mencionado Pedro foi o primeiro a chegar a Constantinopla, em 30 de julho, acompanhado de muitíssimos alamanos. Lá

¹⁴ Além do território húngaro moderno, a nomenclatura designaria partes das atuais Eslováquia, Romênia e Croácia. Para uma descrição geográfica mais pormenorizada, *vide* Murray (2006, s.v.).

¹⁵ Pedro, o Eremita (†1115), nascido na cidade de *Amiens* ou em seus arredores, foi um dos primeiros líderes da Cruzada convocada por Urbano II em Clermont (1095). Entre os muitos episódios narrados acerca de sua pessoa, destaca-se, por exemplo, aquele em que teria tido uma visão de Jesus Cristo, que o chama a incitar os fiéis à purificação dos locais santos. Lê-se, na crônica de Alberto de Aix (*fl.* 1100 – 1150), entre outros: “[...] e tu [sc. Pedro] despertarás os corações dos fiéis, para purificar os locais santos de Jerusalém e restaurar o culto dos Santos” ([...] *et suscitabis corda Fidelium ad purganda loca sancta Iherusalem, et ad restauranda officia sanctorum*) (Alberic.-Aq. *Hist.* I.4).

¹⁶ Sc. Godofredo de Bulhões (†1100), Duque da Baixa Lotaríngia (c. 1087). Um dos principais líderes da Primeira Cruzada, é eleito soberano de Jerusalém poucos dias após sua conquista, em 15 de julho de 1099.

¹⁷ Balduíno I de Jerusalém (†1118), irmão mais velho de Godofredo de Bulhões (*vide* nota acima). Foi Conde de Edessa (moderna *Şanlıurfa*, Turquia) de 1097 a 1100 e primeiro Rei de Jerusalém, entre 1100 e 1118, ano em que morreu em campanha contra o Egito.

¹⁸ Balduíno de Mons, Conde de Hainaut.

¹⁹ *miles*. Vocábulo cuja rica carga semântica dificilmente é expressa pelo termo “cavaleiro”. Significando em contexto militar, no latim clássico, apenas “soldado”, “soldado raso”, “soldado de infantaria”, somam-se em período medieval outras acepções, entre elas a do “soldado de Cristo” (*miles Christi*), indicado em II Tim 2, 3, sem que haja lá especificação de seu aparato e função bélicos; a do “guerreiro montado”, “cavaleiro”, em oposição ao “soldado raso”, isto é, vocábulo cujo sentido se aproxima da acepção militar do “eques” romano; e, por fim, *miles*, enquanto membro da ordem cavaleiresca, com matiz de nobreza ora explícito ora implícito.

²⁰ Segundo Hill (2002 [1962], p. 2), trata-se de uma atribuição de cunho lendário.

congregatos, quibus imperator iusserat dari mercatum, sicuti erat in ciuitate, dixitque illis “Nolite transmeare Brachium, donec ueniat maxima Christianorum uirtus, quoniam uos tanti non estis, ut cum Turcis preliari ualeatis”. Ipsique Christiani nequiter deducebant se, quia palatia urbis sternebant et ardebant, et auferebant plumbum quo ecclesiae erant coopertae et uendebant Grecis. Vnde imperator iratus est iussitque eos transmeare Brachium. Postquam transfretauerunt, non cessabant agere omnia mala, comburentes et deuastantes domos et ecclesias. Tandem peruenerunt Nicomediam, ubi diuisi sunt Lombardi et Longobardi, et Alamanni a Francis, quia Franci tuebantur superbia. Elegerunt Lombardi et Longobardi seniores super se, cui nomen Rainoldus, Alamanni similiter. Et intrauerunt in Romaniam et per quatuor dies ierunt ultra Nicenam urbem inueneruntque quoddam castrum cui nomen Exerogorgo, quod erat uacuum gente. Et apprehenderunt illud, in qua inuenerunt satis frumenti et uini et carnis, et omnium bonorum abundantiam. Audientes itaque Turci quod Christiani

encontrou reunidos os lombardos, os longobardos e muitos outros, a quem o imperador²¹ ordenara que fossem dados os suprimentos disponíveis na cidade. Em seguida, o imperador lhes disse: “Não cruzem o Braço-de-São-Jorge²² até a chegada da maior parte das forças cristãs, pois vocês não estão em número suficiente para lutar contra os turcos”. No entanto, os próprios cristãos²³ comportavam-se de maneira torpe, destruindo e queimando os palácios daquela cidade, roubando o chumbo que cobria as igrejas e o vendendo aos gregos. Foi por isso que o imperador irou-se e lhes ordenou que cruzassem [de uma vez] o Braço-de-São-Jorge. Depois da travessia, não cessaram, porém, de cometer todo tipo de maldade, incendiando e devastando casas e igrejas. Por fim, chegaram a Nicomédia²⁴, onde os lombardos, os longobardos e os alamanos separaram-se dos francos, dada a insolência e a soberba desses últimos. Os lombardos e os longobardos escolheram então um chefe de nome Reinaldo; e os alamanos também fizeram sua escolha. Em seguida, adentraram a România²⁵ e, por quatro dias, avançaram

²¹ Sc. Aleixo I Comneno (c. 1057 – 1118), imperador bizantino. Os constantes ataques dos turcos seljúcidas na Ásia Menor, assim como um momentâneo enfraquecimento de seus líderes, o teriam motivado a enviar uma embaixada ao Concílio de Piacenza (1095), pedindo auxílio contra seus inimigos.

²² *Brachium Sancti Georgii*, ou apenas, *Brachium*, como no presente trecho. Trata-se aqui do estreito de Bósforo. Ademais, Bréhier (2007 [1924], p. 7, n. 4) recorda que a expressão indica, por vezes, “[...] o Golfo de Nicomédia, cidade onde São Jorge foi martirizado”.

²³ i.e. os cruzados em oposição aos bizantinos, referidos simplesmente por “gregos”.

²⁴ Atual *İzmit*, na Turquia.

²⁵ *Romaniam*. Ora aplicado à totalidade do Império Romano, ora aos territórios sob domínio bizantino, o vocábulo designa aqui especificamente a Ásia Menor.

essent in castro, uenerunt obsidere illud. Ante portam castrum erat puteus, et ad pedem castrum fons uiuus, iuxta quem exiit Rainaldus insidiari Turcos. Venientes uero Turci in festo sancti Michaelis, inuenerunt Rainaldum et qui cum eo erant, occideruntque Turci multos ex eis. Alii fugerunt in castrum. Quod confestim Turci obsederunt, eisque aquam abstulerunt. Fueruntque nostri in tanta afflictione sitis, ut flebotomarent suos equos et asinos, quorum sanguinem bibebant. Alii mittebant zonas atque panniculos in piscinam, et inde exprimebant aquam in os suum. Alii mingebant in pugillo alterius, et bibebant. Alii fodiebant humidam terram, et supinabant se, terramque sternebant super pectora sua, pro nimia ariditate sitis. Episcopi uero et presbiteri confortabant nostros et commonebant ne deficerent. Haec tribulatio fuit per octo dies. Denique dominus Alamannorum concordatus est cum Turcis, ut traderet socios illis, et fingens se exire ad bellum, fugit ad illos et multi cum eo. Illi autem qui Deum negare noluerunt, capitalem sententiam susceperunt. Alios quos ceperunt uiuos adinuicem diuiserunt quasi oues. Alios miserunt ad signum et sagittabant eos; alios uendebant et donabant quasi animalia.

para além da cidade de Niceia²⁶, encontrando uma fortaleza deserta chamada Exerogorgo²⁷. Apoderaram-se dela, onde encontraram uma boa quantidade de grãos, vinho, carne e todos os tipos de provimentos. No entanto, quando os turcos souberam que os cristãos se encontravam na fortaleza, puseram-se a sitiá-la. Diante de seu portão, havia um poço e, ao pé da mesma, uma fonte de água corrente onde Reinaldo preparava uma emboscada contra os turcos. Estes chegaram no dia da festa de São Miguel Arcanjo²⁸ e encontraram Reinaldo e os que estavam com ele, matando-os em grande número. Outros [conseguiram] se refugiar na fortaleza. De pronto, os turcos sitiaram-na, cortando-lhes o suprimento de água. Os nossos homens foram assolados por tamanha sede, que sangravam seus cavalos e asnos, para beberem seu sangue. Alguns encharcavam os cintos²⁹ e os panos nas fossas e torciam-nos sobre as bocas. Outros urinavam na mão [de um companheiro] e bebiam [o líquido]. Outros ainda cavavam a terra úmida e deitavam-se de costas nela, espalhando-a sobre o peito, em virtude da seca excessiva provocada pela sede. Os bispos e os padres, por sua vez, confortavam os nossos e os encorajavam para que não esmorecessem. Esse tormento durou oito

²⁶ Atual *İzmit*, também em território turco.

²⁷ *Exerogorgo*. Na *Alexíada*, de Ana Comnena (1083 – c.1153), lê-se o vocábulo *Ξερίγορδος* (“Xerigordo”) (X.6.2).

²⁸ 29 de setembro de 1096.

²⁹ *Zonas*. Trata-se de uma tira de couro ou tecido usada na cintura por homens e mulheres.

Quidam conducebant suos in domum suam, alios in Corosanum, alios in Antiochiam, alios in Aleph, aut ubi ipsi manebant. Isti primo felix acceperunt martirium pro nomine Domini Iesu.

dias. Ao fim, o senhor dos alamanos fez um pacto com os turcos, pelo qual lhes entregaria seus [demais] aliados. Assim, fingindo deixar a fortaleza para combater, ele se refugiou junto aos turcos, acompanhado de muitos outros. Já aqueles que se recusaram a renegar a Deus, sofreram a pena capital. Por sua vez, alguns foram capturados vivos, sendo divididos como se fossem ovelhas; outros ainda foram usados como alvos e flechados; outros eram vendidos ou dados de presente como se fossem animais. Alguns turcos levavam-nos para suas [próprias] residências: uns para Khorasan³⁰, outros para Antioquia³¹, outros ainda para Alepo³², ou ao lugar onde moravam. Esses cristãos foram os primeiros a receber o feliz martírio em nome do Senhor Jesus.

Audientes denique Turci quod Petrus Heremita et Guualterius Sinehabere fuissent in Cyuito, quae supra Nicenam urbem est, uenerunt illuc cum magno gaudio ut

Quando os turcos ouviram que Pedro, o Eremita, e Gualtério Sans-Avoir³³ encontravam-se em Kibotos³⁴ (local situado depois de Niceia), dirigiram-se com grande

³⁰ *Corosanum*. Parte do nordeste do atual Irã, o termo “*Khurāsān*” (Bosworth, 1986-2002, s.v.) incluiria, no período pré-islâmico e em seus primórdios, terras hoje pertencentes à Ásia Central e ao Afeganistão. Em relação ao Anônimo, Hill (2002 [1962], p. 4) e Bréhier (2007 [1924], pp. 10-11) entendem que o emprego do vocábulo seja impreciso, referindo-se de maneira geral a territórios orientais sob dominação turca.

³¹ Atual *Antakya*, no extremo sul da Turquia. Segundo Act 11, 26, foi lá que os discípulos de Cristo foram denominados cristãos: “E em Antioquia, os discípulos foram chamados pela primeira vez de ‘cristãos’”. Ademais, embora se acreditasse que seu primeiro bispo fora São Pedro, a importância histórica da cidade extrapola a Cristandade.

³² i.e. a cidade localizada na moderna Síria.

³³ *Guualterius Sinehabere*. Literalmente “Gualtério Sem-Haveres”. A despeito de seu sobrenome, trata-se possivelmente de uma referência à localidade de onde provinha, *Boissy-Sans-Avoir*, na *Île-de-France*, e não à sua condição social. Junto com Pedro, o Eremita, foi uma das primeiras lideranças cristãs, no Oriente.

³⁴ *Cyuito*. Fortaleza localizada junto ao mar de Mármara.

occiderent illos et eos qui cum ipsis erant. Cumque uenissent obuiauereunt Guualterio cum suis, quos Turci mox occiderunt. Petrus uero Heremita paulo ante ierat Constantinopolim, eo quod nequibat refrenare illam diuersam gentem, quae nec illum nec uerba eius audire uolebat. Irruentes uero Turci super eos occiderunt multos ex eis; alios inuenerunt dormientes, alios nudos, quos omnes necauerunt, cum quibus quemdam sacerdotem inuenerunt missam celebrantem, quem statim super altare martirizauerunt. Illi uero qui euadere potuerunt Cyuito fugerunt; alii precipitabant se in mare, alii latebant in siluis et montanis. Turci uero persequentes illos in castrum adunauerunt ligna, ut eos comburerent cum castro. Christiani igitur qui in castro erant miserunt ignem in ligna congregata, et uersus ignis in Turcos quosdam eorum concremauit, sed ab illo incendio Deus nostros tunc liberauit. Tandem Turci apprehenderunt illos uiuos, diuiseruntque illos sicut prius fecerant alios, et disperserunt illos per uniuersas regiones has, alios in Corosanum, alios in Persidem. Hoc totum est factum in mense Octobri. Audiens imperator quod Turci sic dissipassent nostros, gaudis est ualde, et mandauit fecitque eos Brachium transmeare. Postquam ultra fuerunt, comparauit omnia arma eorum.

alegria até lá, para matar os dois e os que estavam com eles. Ao chegarem, foram ao encontro de Gualtério e dos seus e os mataram prontamente. Pedro, o Eremita, no entanto, partira pouco antes para Constantinopla, pois não era capaz de conter aquela multidão tão diversa, a qual não queria dar ouvidos a ele ou a suas palavras. De toda forma, os turcos os atacaram, matando muitos deles; encontraram uns dormindo, outros nus, massacrando-os todos; também acharam um sacerdote que celebrava a missa, o qual martirizaram prontamente sobre o altar. Os que conseguiram escapar fugiram para Kibotos; os demais ou se jogavam no mar ou se escondiam nas florestas e montanhas. Os turcos os perseguiram então até uma fortaleza, onde coletaram lenha, para queimá-los junto com a fortificação. No entanto, os cristãos que ali se encontravam conseguiram atear fogo na pilha de madeira, a qual, queimando na direção dos turcos, consumiu parte deles. Deste incêndio, Deus nos poupou. Por fim, os turcos os capturaram vivos, dividiram-nos como haviam feito antes e os distribuíram por toda aquela região: uma parte em Khorasan, a outra na Pérsia. Tudo isso ocorreu no mês de outubro. Ao ouvir que os turcos haviam dispersado os nossos dessa maneira, o imperador sentiu grande prazer e ordenou que os cristãos cruzassem de volta o Braço-de-São-Jorge.

Quando já se encontravam do outro lado,
tomou-lhes todas as armas.

[iii] *Secunda uero pars intrauit in Sclauiniae*

partes, scilicet comes de Sancto Egidio Raimundus et Podiensis episcopus. Tertia autem pars per antiquam Romae uiam uenit. In hac parte fuerunt Boamundus, et Richardus de Principatu, Rotbertus comes Flandrensis, Rotbertus Nortmannus, Hugo Magnus, Eurardus de Puisatio, Achardus de Monte Merloi, Isuardus de Musone, et alii plures. Deinde uenerunt ad portum Brandosim aut Barim siue Otrentum. Hugo denique Magnus et Willelmus Marchisi filius

[iii] O segundo grupo [de francos] adentrou a Escravônia³⁵, a saber, Raimundo, conde de Saint-Gilles³⁶, e o Bispo de Le Puy³⁷. O terceiro prosseguiu pela antiga estrada de Roma. Nessa divisão, estavam Boemundo³⁸; Ricardo do Principado³⁹; Roberto, conde de Flandres⁴⁰; Roberto da Normandia⁴¹; Hugo Magno⁴²; Everardo de Le Puiset⁴³; Aicardo de Montmerle⁴⁴; Isoardo de Mouzon⁴⁵ e muitos outros, os quais chegaram ou ao porto de Brindisi, ou ao de Bari, ou ainda ao de

³⁵ *Grosso modo*, região que compreende hoje partes da Eslovênia, Croácia e Bósnia-Herzegovina.

³⁶ Raimundo de Saint-Gilles (c. 1041 – 1105). Conde de Toulouse e Trípoli (1102 – 1105). Entre os membros de sua comitiva, encontra-se seu capelão Raimundo de Aguilers, cuja *História dos francos que capturaram Jerusalém* se tornaria uma das principais fontes acerca do líder cruzado.

³⁷ Ademar de Monteil (c. 1045 – 1098), bispo de Le Puy e representante papal durante a Primeira Cruzada. Sobre ele, escreve Urbano II em carta endereçada aos fiéis de Flandres: “[...] nomeamos nosso caríssimo filho Ademar, bispo de Le Puy, como líder, em nosso lugar, desta expedição e de seus trabalhos [...]” ([...] *et carissimum filium Ademarum, Podiensem episcopum, huius itineris ac laboris ducem, uice nostra, constituimus* [...]) (Reich 2004, p. 255).

³⁸ Boemundo de Taranto, príncipe de Antioquia (1098 – 1111). Filho mais velho de Roberto Guiscardo (c. 1015 – 1085), participara, antes da cruzada, de ataques ao território bizantino na Dalmácia.

³⁹ Ricardo do Principado (c. 1060 – c. 1112), filho de Guilherme, soberano de Salerno, e primo de Boemundo (*vide nota acima*).

⁴⁰ Roberto II de Flandres (†1111). Filho de Roberto I, conde de Flandres, assume o posto do pai, em 1093.

⁴¹ Roberto Curthose (†1134), duque da Normandia (1087 – 1106) e filho mais velho de Guilherme, o Conquistador (c. 1028 – 1087).

⁴² Hugo de Vermandois (1057 – 1101), irmão do rei Filipe I da França (1052 – 1108). Acredita-se que seu cognome latino “*Magnus*” seja uma corruptela de *mainsné* (“o Jovem”). Para variantes do vocábulo em questão, bem como exemplos de seu sentido, *vide Dictionnaire de l’ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle*, s.v. *mainsné*. Disponível em: <http://micmap.org/dicfro/introduction/dictionnaire-godefroy>.

⁴³ Everardo III de Le Puiset, visconde de Chartres.

⁴⁴ Aicardo de Montmerle (†1099). Em seus preparativos para “[...] ir a Jerusalém lutar contra os pagãos e sarracenos em nome de Deus” ([...] *ire in Iherusalem, ad belligerandum contra paganos et Sarracenos pro Deo*), penhora junto ao mosteiro de Cluny parte de sua herança paterna, recebendo em contrapartida “dois mil soldos lioneses e quatro mulas” ([...] *accipiens ab eis duo milia solidorum Lugdunensis monete, et quatuor mulas*) (Bruehl 1894, pp. 51-52).

⁴⁵ Mouzon, comuna situada no departamento francês das *Ardennes*.

intrauerunt mare ad portum Bari, et transfretantes uenerunt Durachium. Audiens uero dux illius loci hos prudentissimos uiros illic esse applicatos, mox mala cogitatio cor eius tetigit, illosque apprehendit, ac iussit Constantinopolim imperatori caute duci, quo ei fidelitatem facerent.

Dux denique Godefridus primus omnium seniorum Constantinopolim uenit cum magno exercitu, duobus diebus ante Domini nostri Natale, et hospitatus est extra urbem, donec iniquus imperator iussit eum hospitari in burgo urbis. Cumque fuisset hospitatus dux, secure mittebat armigeros suos per singulos dies, ut paleas et alia equis necessaria asportarent. Et cum putarent exire fiducialiter quo uellent, iniquus imperator Alexius imperauit Turcopolis et Pinzinacis inuadere illos et occidere. Balduinus itaque frater ducis haec audiens misit se in insidiis, tandemque inuenit eos occidentes gentem suam, eosque inuasit forti animo, ac Deo iuuante superauit eos. Et

Otranto. Hugo Magno e Guilherme, filho do marquês⁴⁶, fizeram-se ao mar pelo porto de Bari e navegaram para Dirráquio⁴⁷. No entanto, assim que o soberano do lugar ouviu que tão experientes homens haviam aportado, concebeu uma artimanha em seu espírito. Prendeu-os e ordenou que fossem escoltados até o imperador de Constantinopla, para que lhe jurassem lealdade.

Dois dias antes do Natal, o duque Godofredo foi o primeiro de todos os chefes a chegar com um grande exército a Constantinopla. Acampou às portas da cidade, até que o perverso imperador ordenou que se instalasse nas cercanias. Uma vez acampado, o duque Godofredo não tinha receio em enviar todos os dias seus escudeiros, para trazerem palha e outras provisões necessárias aos cavalos. Embora [os cristãos] acreditassem que poderiam ir com segurança aonde quisessem, o perverso imperador Aleixo deu ordens aos turcópoles⁴⁸ e patzinakes⁴⁹ para que os atacassem e matassem. Logo que Balduíno, o irmão do duque, soube disso, preparou uma

⁴⁶ Guilherme (†1097), sobrinho de Boemundo (*vide* n. 36) e irmão de Tancredo (*vide* n. 52), segundo nos informa o próprio Anônimo (Hill 2002 [1962], p. 21).

⁴⁷ Moderna Durrës, na Albânia. Localizada na costa adriática, tratava-se à época de uma estratégica base naval bizantina.

⁴⁸ *Turcopolis*. Segundo Harari (1997, p. 76), o sentido primeiro do termo permanece incerto, provavelmente significando “filho de um turco”. Ainda de acordo com o autor, possivelmente designa, na segunda metade do séc. XI, soldados cristãos de origem turca (filhos de pais de diferente etnia ou conversos), bem como desertores a serviço de Bizâncio, cuja característica típica seria o uso do cavalo e arco.

⁴⁹ *Pinzinacis*. No final do séc. IX, nome dado a tribos nômades turcas que habitavam a região chamada “Patzinakia”, entre o rios Don e Danúbio. Após sua derrota para Bizâncio no séc. XI, são incorporados como parte da força militar bizantina. Para outras informações, *vide* Rogers (2010, s.v. *patzinaks*).

apprehendens sexaginta ex eis, partem occidit, partem duci fratri suo presentauit. Quod cum audisset imperator, ualde iratus est. Videns uero dux inde iratum imperatorem, exiit cum suis de burgo et hospitatus est extra urbem. Sero autem facto, infelix imperator iussit suis exercitibus inuadere ducem cum Christi gente. Quos dux persequens inuictus cum Christi militibus septem ex illis occidit, persequendo alios usque ad portam ciuitatis. Reuersusque dux ad sua tentoria mansit inibi per quinque dies, donec pactum iniit cum imperatore, dixitque illi imperator ut transfretaret Brachium sancti Georgii, permisitque eum habere omnem mercatum ibi sicut est Constantinopoli; et pauperibus elemosinam erogare, unde potuissent uiuere.

emboscada; ao surpreendê-los matando os cristãos, atacou-os com grande bravura, sobrepujando-os com o auxílio de Deus; tomou então sessenta prisioneiros, matando parte deles e oferecendo os demais ao duque, seu irmão. Ao ouvir tais notícias, o imperador irou-se enormemente. O duque, por sua vez, ao perceber sua ira, retirou-se das cercanias da cidade e acampou fora de sua muralha. No entanto, tarde da noite, o deplorável imperador ordenou que seus exércitos atacassem o duque e o povo de Cristo. Mas o imbatível duque os perseguiu junto com os soldados de Cristo, chegando a matar sete [soldados inimigos] e indo ao encalço dos demais até a entrada da cidade. Depois de retornar às tendas, o duque permaneceu ali por cinco dias, até que um pacto foi firmado com o imperador. Este lhe disse que cruzasse o Braço-de-São-Jorge, permitindo ao duque que recebesse lá todas as provisões disponíveis em Constantinopla. Por fim, informou que daria esmolas aos pobres, donde pudessem tirar sua subsistência.

[iiii] *At bellipotens Boamundus qui erat in obsidione Malfi, Scafardi Pontis, audiens uenisse innumerabilem gentem Christianorum de Francis, ituram ad Domini Sepulchrum, et paratam ad prelium contra*

[iiii] Logo que o belicoso Boemundo, que assediava a ponte de Scafati⁵⁰, em Amalfi, soube da chegada do incontável povo cristão composto de francos, que passava ali rumo ao Sepulcro do Senhor e estava preparado para a batalha contra os pagãos, começou a inquirir

⁵⁰ *Scafardi Pontis*. Segundo Jamison (1939, pp. 188-189), uma das pontes sobre o Sarno, cujo nome daria origem à cidade de *Ponte di Scafati*.

gentem paganorum, coepit diligenter inquirere quae arma pugnandi haec gens deferat, et quam ostensionem Christi in uia portet, uel quod signum in certamine sonet. Cui per ordinem haec dicta sunt: “Deferunt arma ad bellum congrua, in dextra uel inter utrasque scapulas crucem Christi baiulant; sonum uero ‘Deus uult, Deus uult, Deus uult!’ una uoce conclamant”. Mox Sancto commotus Spiritu, iussit preciosissimum pallium quod apud se habebat incidi, totumque statim in cruce expendit. Coepit detalhadamente quais eram as armas que aquela gente levava e que símbolo de Cristo portava em sua jornada, e ainda que sinal era dado por eles em combate. Na devida ordem, responderam-lhe: “Levam armas adequadas à batalha. No lado direito ou entre os ombros, carregam a cruz de Cristo⁵¹. Bradam em unísono: ‘É a vontade de Deus! É a vontade de Deus! É a vontade de Deus!’”. Em seguida, Boemundo, inspirado pelo Espírito Santo, ordenou que um preciosíssimo manto que carregava consigo fosse todo cortado e

⁵¹ Como lembra Markowski (1984, p. 158), a imagem dos cristãos assinalados com a cruz é expressa em carta de Urbano II a Aleixo Comneno. Lê-se nela: “Urbano II, Pontífice de Roma, a Aleixo, Imperador de Constantinopla, etc./ Depois que ficou estabelecido, em Clermont, *Auvergne*, promover, pelo desejo de todos, a guerra contra os sarracenos, tamanha multidão assumiu a cruz, que o alistamento chegou a trezentos mil homens. Tamanho foi o ardor de seus bravíssimos chefes, que há razão para termos grandes esperanças de recuperar Jerusalém. Pedro, o Eremita, foi o primeiro a oferecer-se como chefe de um incontável número de homens; juntaram-se à comitiva, Godofredo, seus irmãos Eustáquio e Balduíno, condes de Boulogne, que aprestaram tropas ainda maiores. Em seguida [juntaram-se] à comitiva o Bispo de Le Puy, líder supremo da guerra, Raimundo, Conde de Saint-Gilles, e ainda Hugo Magno, irmão de Filipe, rei dos francos, Roberto da Normandia, o outro Roberto, de Flandres, e Estêvão, conde de Chartres. Desnecessário mencionar o próprio Boemundo, que, com absoluta magnanimidade, juntou-se à comitiva com sete mil homens da fina flor da juventude italiana, deixando a seu irmão, com quem estivera em guerra durante muito tempo, a administração de tudo mais. Para esses tão grandes aparatos de guerra, é necessário sobretudo que tamanho contingente receba o auxílio de tua proteção e de provisões. Por isso, peço-te encarecidamente que apoie guerra tão justa e gloriosa por todos os meios possíveis. Embora não tenha dúvida de que tomarás tais providências, achei por bem que ficasses sabendo, por esta minha carta, que isso será particularmente do agrado de toda a comunidade cristã. Adeus./ Roma, etc” (*Urbanus secundus, Romanus pontifex, Alexio, Constantinopolitano imperatori, etc./ Cum statutum fuisset ad Clarum montem Awerniae ut communibus votis bellum adversus Sarracenos gereretur, tanta hominum multitudo cruce signata est, ut ad trecenta hominum millia censa fuerint. Ducum autem fortissimorum tantus ardor, ut de recuperanda Hierosolyma multum sperare debeamus. Primus omnium Petrus eremita innumerabilibus se ducem praebuit, cui Godefredus, Eustachius et Balduinus fratres, Bolionii comites, se addiderunt, majores etiam copias paraverunt. Hinc Podiensis episcopus belli dux, et Raimundus Sancti Aegidii comes, inde Hugo Magnus, Philippi Francorum regis frater, et Robertus Northamanniae, et alter Robertus Flandriae, et Stephanus Carnuti comites. Quid dicam de Boamundo ipso qui ingenti animi magnanimitate iis se comitem adjunxit cum septem millibus delectae juventutis Italicae, relicta fratri rerum omnium cura, quo cum diu bello contenderat? Ad hos belli maximos apparatus unum illud imprimis est necessarium, ut tuo praesidio commeatuque tantae copiae iuventur. Quare ab te peto maiorem in modum, ut quibuscunque rebus poteris justissimo bello gloriosoque faveas. Illud autem, tametsi non dubitem abs te curatum iri, volvi tamen te per litteras nostras scire id mihi et universae Christianae reipublicae jucundissimum fore. Vale./ Romae, etc.*) (Migne, 1853, col. 485). Ademais, cabe notar que a própria indumentária a que alude o Anônimo parece ecoar o chamamento de Mt 16, 24 (vide n. 7), expresso no início da obra.

tunc ad eum uehementer concurrere maxima pars militum qui erant in obsidione illa, adeo ut Rogerius comes pene solus remanserit, reuersusque Siciliam dolebat et merebat quandoque gentem amittere suam. Denique reuersus iterum in terram suam dominus Boamundus diligenter honestauit sese ad incipiendum Sancti Sepulchri iter. Tandem transfretauit mare cum suo exercitu, et cum eo Tancredus Marchisi filius, et Richardus princeps, ac Rainulfus frater eius, et Rotbertus de Ansa, et Hermannus de Canni, et Rotbertus de Surda Valle, et Robertus filius Tostani, et Hunfredus filius Radulfi, et Ricardus filius comitis Rainulfi, et comes de Russignolo cum fratribus suis, et Boello Carnotensis, et Alberedus de Cagnano, et Hunfredus de Monte Scabioso. Hi omnes

imediatamente usou os pedaços na fabricação de cruces. Então, a maioria dos soldados que participava daquele cerco começou a se unir a ele entusiasmadamente, deixando o conde Rogério⁵² praticamente sozinho. Ao voltar à Sicília, ele passou a se condoer, lamentando a perda de seus soldados. Quando o senhor Boemundo retornou a sua terra⁵³, preparou-se com todo o cuidado, para começar a viagem ao Santo Sepulcro. Por fim, cruzou o mar com seu exército; acompanharam-no Tancredo, filho do marquês⁵⁴, Ricardo do Principado⁵⁵, Ranulfo, seu irmão Roberto de Anzi⁵⁶, Hermano de Canne⁵⁷, Roberto de Sourdeval⁵⁸, Roberto fitz-Tristan⁵⁹, Hunfredo fitz-Ralph⁶⁰, Ricardo, filho do conde Ranulfo, o Conde de Roussillon⁶¹ com seus irmãos, Boel de Chartres, Alberico de

⁵² Rogério I (c. 1031 – 1101), conde da Sicília e tio de Boemundo.

⁵³ i.e. Taranto.

⁵⁴ Tancredo (c. 1076 – 1112), príncipe da Galileia e regente do Principado de Antioquia.

⁵⁵ Vide n. 37.

⁵⁶ Segundo o *Database of Crusaders to the Holy Land (DCHL)*, trata-se de Roberto de Anzi (Basilicata, Itália), que se uniria a Godofredo de Bulhões, após a captura de Antioquia. Disponível em: <https://www.dhi.ac.uk/crusaders/>.

⁵⁷ Hermano de Canne, antiga cidade da Apúlia.

⁵⁸ *Rotbertus de Surda Valle*. Acredita-se que o topônimo *Sourdeval* indique sua origem também normanda.

⁵⁹ Sobre ele, escreve Jamison (1939, pp. 204-205): “Roberto – autodenominado ‘filho de Trostão’ ou ‘Tristão’, ‘chamado *Do Principado*’ – era uma personagem bastante conhecida, pertencente aos condes normandos de *Molise* e detentora de muitos feudos no condado, incluindo *Limosano*, *Campolieto*, *Toro*, *Arcipresbitero* (território de *Matrice*), todos próximos da divisa entre o Ducado da Apúlia e o Principado de Cápua, mas, na realidade, no território do Ducado”. Enfim, para a grafia *fitz-Tristan*, seguiu-se em parte a lição de Hill (2002 [1962], p. 7), a partir do vocábulo anglo-normando *fitz* (lat. *filius*). Para exemplos de seu uso, ver *Anglo-Norman Dictionary*, s.v. *fiz*. Disponível em: <http://www.anglo-norman.net/>.

⁶⁰ Nenhuma informação sobre o cruzado é fornecida por Bréhier (2007 [1924]) e Hill (2002 [1962]). No caso de Jamison (1939, p. 204), chama-se a atenção para assinatura atribuída a Hunfredo, em doação feita no ano de 1095 ao bispo de *Chieti* (Abruzzo). Para a grafia *fitz-Ralph*, vide nota acima.

⁶¹ Godofredo III, conde de Roussillon (*Languedoc-Roussillon*), segundo o *DCHL*. Dito isso, a localidade também poderia ser identificada como *Roscigno* (i.e. *Roscignolo*), no Principado de Salerno.

transfretauerunt ad Boamundi famulatum, et applicuerunt Bulgariae partibus; ubi inuenerunt nimiam abundantiam frumenti et uini et alimentorum corporis. Deinde descendentes in uallem de Andronopoli; expectauerunt gentem suam, donec omnes pariter transfretassent. Tunc Boamundus ordinauit concilium cum gente sua, confortans et monens omnes ut boni et humiles essent; et ne depredarentur terram istam quia Christianorum erat, et nemo acciperet nisi quod ei sufficeret ad edendum.

Cagnano⁶² e Hunfredo de Montescaglioso⁶³. A serviço de Boemundo, todos eles fizeram a travessia, desembarcando no território da Bulgária⁶⁴, onde encontraram uma grande abundância de grãos, vinho e outros mantimentos. Em seguida, desceram ao vale de Andronópolis⁶⁵, no qual aguardaram os seus, até que todos, sem exceção, tivessem completado a travessia. Boemundo convocou então um conselho com sua gente, encorajando-os e advertindo que fossem bons e humildes e não pilhassem aquela terra, pois ela pertencia aos cristãos. Também advertiu que ninguém aceitasse senão o que fosse necessário para sua subsistência.

Tunc exeuntes inde, uenerunt per nimiam plenitudinem de uilla in uillam, de ciuitate in ciuitatem, de castello in castellum, quousque peruenimus Castoriam; ibique Natiuitatem

Foi assim que, saindo de lá, prosseguiram sem qualquer privação de vila em vila, cidade em cidade, castelo em castelo, até chegarmos⁶⁶ a Kastória⁶⁷, onde celebramos solenemente o Natal. Permanecemos ali por muitos dias e, embora procurássemos obter

⁶² Ainda que pouco se saiba sobre o respectivo cruzado, Jamison (1939, p. 203) é da opinião de que o topônimo *Cagnanus* possa se referir a localidades diversas, a saber, *Cagnano Amiterno*, na província de Áquila; *Cagnano Varano*, em *Foggia*; e, por fim, *Gagnano* [?], em *Montescaglioso*, em *Matera*. De resto, o pesquisador aventa a possibilidade de que o cruzado faça parte da família Cagnano, cujos membros disporiam de feudos em Bari e Nardò.

⁶³ *Hunfredus de Monte Scabioso*. Ao que tudo indica, trata-se de Godofredo de Montescaglioso e não de seu pai, Hunfredo, falecido em 1096.

⁶⁴ Entenda-se o oeste da atual Macedônia.

⁶⁵ *i.e.* possivelmente a região do vale do rio Drino.

⁶⁶ Chama-se aqui a atenção para a mudança da pessoa do discurso (*uenerunt* e, na sequência, *peruenimus* ou ainda *celebrauimus*). A mudança seria vista como um indício de que o Anônimo participara do contingente de Boemundo.

⁶⁷ De acordo com Ana Comnena, na *Alexíada* (VI.1.9-10), havia lá torres (πύργοι) e muralhas (μεσοπύργια) à maneira de uma fortificação (κάστρου δίκην). Tendo sido conquistada pelos normandos em 1082-1083, foi recapturada por Aleixo Comneno, no ano de 1093. Vide Kazhdan (1991, s.v. *Kastoria*).

Domini solemmniter celebrauimus; fuimusque ibi per plures dies, et quesiuimus mercatum, sed ipsi noluerunt nobis assentire, eo quod ualde timebant nos, non putantes nos esse peregrinos, sed uelle populari terram et occidere illos. Quapropter apprehendebamus boues, equos et asinos, et omnia quae inueniebamus. Egressi de Castoria, intrauimus Palagoniam, in qua erat quoddam hereticorum castrum. Quod undique aggressi sumus, moxque nostro succubuit imperio. Accenso itaque igne, combussimus castrum cum habitatoribus suis. Postea peruenimus ad flumen Bardarum. Denique perrexit dominus Boamundus ultra cum sua gente, sed non tota. Remansit enim ibi comes de Russignolo, cum fratribus suis. Venit exercitus imperatoris, et inuasit comitem cum fratribus suis, et omnes qui erant cum eis. Quod audiens Tancredus rediit retro, et proiectus in flumen natando peruenit ad alios, et duo milia miserunt se in flumen sequendo Tancredum. Tandem inuenerunt Turcopulos et Pinzinacos dimicantes cum nostris. Quos repente fortiter inuaserunt, et prudenter eos superauerunt. Et apprehenderunt plures ex illis, et duxerunt illos ligatos ante domini Boamundi presentiam. Quibus ait ipse, “Quare miseri occiditis gentem Christi et meam? Ego cum uestro imperatore nullam

provisões, os habitantes não quiseram colaborar conosco, pois muito nos temiam, imaginando que não éramos peregrinos, mas queríamos saquear a região e matá-los. Por essa razão, começamos a confiscar bois, cavalos, burros e tudo o que encontrávamos. Depois de deixar Kastória, adentramos a Pelagônia⁶⁸, onde havia uma fortificação de hereges, a qual atacamos por todos os lados e que sucumbiu, sem demora, ao nosso domínio. Assim, ateamos fogo na fortificação e a incendiamos com seus habitantes. Em seguida, chegamos ao rio Vardar⁶⁹. O senhor Boemundo o atravessou com alguns dos seus, porém não todos, pois permaneceu lá o conde de Roussillon⁷⁰, com seus irmãos. O exército do imperador aproximou-se então e atacou o conde com seus irmãos e todos os que estavam com eles. Logo que a notícia chegou aos ouvidos de Tancredo, este recuou; lançou-se no rio e nadou em direção aos companheiros, sendo seguido por dois mil homens, que fizeram o mesmo. Isso feito, encontraram os turcópoles e patzinakes lutando contra os nossos. Num átimo, Tancredo e seus homens atacaram-nos com bravura e os sobrepujaram com grande perícia; capturaram muitos do exército do imperador e os levaram presos à presença do senhor Boemundo. Ele lhes disse: “Infelizes, por que matam o povo de Cristo e os meus?

⁶⁸ Moderna Monastir/ Bitola, na Macedônia.

⁶⁹ Um dos rios macedônicos.

⁷⁰ Vide n. 59.

altercationem habeo". Qui responderunt: "Nos nequimus aliud agere. In roga imperatoris locati sumus, et quicquid nobis imperat nos oportet implere". Quos Boamundus impunitos permisit abire. Hoc bellum factum est in quarta feria, quae est caput ieiunii. Per omnia benedictus Deus. Amen.

Não possuo nenhuma desavença com o seu imperador". Eles responderam: "Não podemos agir de outra maneira. Fomos pagos pelo imperador, e tudo o que ele ordenar, devemos levar a cabo". Boemundo permitiu que partissem sem punição. Essa batalha ocorreu numa quarta-feira, primeiro dia da Quaresma. Bendito seja Deus em tudo. Amém.

Referências

I) Fontes primárias

ALMEIDA, João Ferreira de (trad.). *Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Corrigida*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009 [1898].

_____. *Bíblia Sagrada. Nova Almeida Atualizada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017 [1959].

AQUENSIS, Albertus [Alberto de Aix]. “Historia Hierosolymitana”. In: *Recueil des historiens des Croisades [RHC]. Historiens Occidentaux*. Vol. 4. Paris: Imprimerie Nationale, 1879.

BECK, H.-G. et al. (eds.). “Annae Comneae Alexias”. In: *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*. Vol. 40. Berlin: De Gruyter, 2001.

BONGARS, Jacques (ed.). *Gesta Dei per francos*. Hanoviae, 1611, pp. 1-29.

BRÉHIER, Louis (ed.). *Histoire anonyme de la Première Croisade*. Paris: Les Belles Lettres, 2007 [1924].

BRUEL, Alexandre (ed.). 3703. “Charta qua Acardus de Montemerulo, filius Wichardi, dat res suas in conuadio monasterio cluniacensi”. In: *Recueil des chartes de l’Abbaye de Cluny. Tome Cinquième. 1091-1210*. Paris: Imprimerie Nationale, 1894, pp. 51-52.

GRYSON, Roger (ed.). *Biblia Sacra Vulgata*. 5. ed. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008 [1969].

HAGENMEYER, H. (ed.). *Anonymi gesta francorum et aliorum hierosolymitanorum*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1890.

HILL, Rosalind (ed.). *The deeds of the franks and the other pilgrims to Jerusalem*. Oxford: Oxford University Press, 2002 [1962].

MIGNE, J.-P. (ed.). CCXII. “Urbani II epistola ad Alexium constantinopolitanum imperatorem. – De expeditione in terram sanctam, et de cruce suscipienda”. In: *Patrologia Latina. B. Urbani II Pontificis Romani Epistolæ, Diplomata, Sermones*. Vol. 151, 1853, p. 485.

REICH, Emil. “Letter of Urban II. To the princes of Flanders and their subjects, Feb. 6-12, 1096”. In: *Select Documents Illustrating Mediæval and Modern History*. Honolulu: University Press of the Pacific, 2004, p. 255.

II) Estudos e obras de referência modernos

BLAISE, Albert. *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*. Turnhout: Brepols, 1954.

BOSWORTH, C. E. *et al.* *The Encyclopaedia of Islam*. XII vols. Leiden: E. J. Brill, 1986-2002.

GAVIGAN, John Joseph. “The syntax of the *Gesta Francorum*”. In: *Language* 19 (3), 1943, pp. 10-102.

HARARI, Yuval. “The military role of the Frankish turcopoles: A reassessment”. In: *Mediterranean Historical Review*, 1997, p. 76.

JAMISON, Evelyn. “Some notes on the *Anonymi Gesta Francorum* with special reference to the Norman contingent from South Italy and Sicily in the First Crusade”. In: *Studies in French Language and Mediaeval Literature*. Manchester University Press, 1939.

KAZHDAN, Alexander P. (ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico da Língua Portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

MARKOWSKI, Michael. “*Crucesignatus*: its origins and early usage”. In: *Journal of Medieval History* 10, 1984, p. 158.

MURRAY, Alan V (ed.). *The Crusades. An Encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-CLIO, Inc., 2006.

NIERMEYER, J. F. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden: E. J. Brill, 1976.

RILEY-SMITH, Jonathan. *The First Crusade and the idea of crusading*. London: Continuum, 2003.

_____. “The motives of the earliest crusaders and the settlement of Latin Palestine, 1095-1100”. In: *The English Historical Review* 389, 1983, pp. 721-736.

ROGERS, Clifford J. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

III) Fontes eletrônicas

“A Database of Crusaders to the Holy Land (DCHL)| 1095-1149”. Página eletrônica: <https://www.dhi.ac.uk/crusaders/>. Consulta realizada em junho de 2020.

“Anglo-Norman Dictionary”. Página eletrônica: <http://www.anglo-norman.net/>. Consulta realizada em junho de 2020.

“Biblioteca Apostolica Vaticana – MS Vat. Reg. Lat. 572 (1r-64v)”. Página eletrônica: <https://opac.vatlib.it/mss/detail/229784>. Consulta realizada em junho de 2020.

“Dictionnaire de l’ancienne langue française et de tous ses dialects du IXe au XVe siècle (DALF)”. Página eletrônica: <http://micmap.org/dicfro/introduction/dictionnaire-godefroy>. Consulta realizada em junho de 2020.